



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**TECENDO CARTAS:
notas de uma experiência de formação em psicologia**

Suellen Quevedo dos Santos

Porto Alegre
2021

Suellen Quevedo dos Santos

**TECENDO CARTAS:
Notas de uma experiência de formação em psicologia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de psicóloga.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Rodrigues.

Porto Alegre

2021

*“Do fundo do meu coração
do mais profundo canto em meu interior
do mundo em decomposição
escrevo como quem manda cartas de amor”
(EMICIDA, 2020).*

Agradecimentos

Quando olho à minha volta percebo que há tanto a agradecer! Começo agradecendo a Deus pelo dom da vida, saúde plena, e por inscrever no meu coração a certeza de um propósito: o amor cura e salva. Agradeço também a todas mulheres que cruzaram meu caminho até aqui. Cada uma delas me ensinou, à sua maneira, o que é ser mulher e como ser mulher. Me enche de alegria poder partilhar dessas histórias, seja nos livros ou nas esquinas da vida.

Agradeço ao meu pai, Quevedo, por escolher ser meu pai e apostar no meu processo de construção SER. Obrigada, pai, entre tantas coisas, pelas mamadeiras e chás quentinhos que me trazia na cama, e pelas orações e histórias; obrigada pelas caminhadas de passos rápidos que me faziam olhar ao redor com pressa e curiosidade, enquanto segurava a minha mão e apertava o meu dedinho, como quem dizia que não ia me soltar, me lembrado da tua presença constante quando eu me distraía com o barulho dos carros e as pedrinhas do caminho. Eu não me canso de olhar pras nossas coisas e pros nossos caminhos. Sem você isso jamais seria possível.

Agradeço a minha irmã, Raquel pela incansável e irretocável paciência, inclusive nos meus momentos de intransigência e empáfia. Cada conselho, cada história, cada lágrima e cada sorriso que partilhamos juntas, a ti sou grata. Obrigada pela parceria em cada traquinagem e projeto. Obrigada por respeitar minhas escolhas em seguir os caminhos que desejei trilhar, mesmo os sinuosos. E obrigada por me esperar voltar de cada um deles sem nenhum julgamento. Ao contrário, te encontrava pronta para ouvir sobre as minhas aventuras e desventuras com respeito e atenção. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma podia acreditar, e por me mostrar centenas de caminhos possíveis quando tudo era abismo.

Aos meu filhos, Antônia e Julio, agradeço pela compreensão a todas as vezes que tiveram que abdicar tempo comigo para que eu pudesse me dedicar ao que finalizo agora. Pelas cartinhas, carinhos e beijinhos. Agradeço a vocês por cada questionamento - que parecem nunca ter fim - me fazendo repensar a maternagem real e possível. Obrigada por fazerem parte da minha história e confiarem a mim essa maravilhosa e dolorosa missão de preparar vocês para o mundo. Meu desejo é que voem tão alto e longe quanto desejarem, Me sinto honrada em tê-los como filhos. E pelo amor incondicional. À vocês, muito obrigada.

Também agradeço aos mestres e professoras/es que me ensinaram ao longo desses anos o gosto pela educação e conhecimento, e por transformarem a minha perspectiva com a

transmissão do saber. Incluo aqui minhas supervisoras de estágio Gabriela e Samantha, que também foram e seguem sendo professoras. Sem a didática e dialética de vocês eu não estaria aqui agora.

À Luciana, minha orientadora, agradeço pela disponibilidade, insistência, e perseverança em acreditar nesse trabalho. Tua empatia e percepção ímpar sobre as potencialidades da escrita, sobre mim, foram transformadoras para que eu seguisse acreditando que era possível escrever com implicação e sem excluir o meu processo dessa produção.

Aos amigos e colegas da graduação, obrigada por partilharem comigo tudo quanto foi possível durante essa jornada. Aos jogos de truco no Mc, as cervejas no bar da Vilma, as Psico 8 ½, todos esses eventos que oportunizaram nossos momentos de trocas e resolução de conflitos - fossem epistêmicos ou amorosos - contribuíram para que eu pudesse aprender a olhar com empatia e admiração ao diferente. E isso diz muito da construção da profissão que escolho seguir. Aprendi e aprendo com vocês pela transmissão e afeto.

Obrigada!

Resumo

Como oferecer corpo e história que possam transmitir o que se dá em um curso de formação em Psicologia? Uma das perguntas iniciais de uma escrita contadora de histórias que passa entre os anos de 2011 e 2021. Em uma noção de tempo que marca seu compasso mas que prescinde a cronologia, o texto busca uma conversa - entre autora e orientadora, autoras de um campo de estudos, e o Instituto de Psicologia da universidade - que problematize e visibilize histórias acerca da formação universitária. Para estarmos perto, o contorno que utilizamos - ou, a metodologia - é por uma escrita dialogada, uma conversa endereçada, através de cartas. Um condensado de cartas escritas e trocadas que colocam temas como raça, gênero, classe, território, maternidade em questão - o que se pretende em diálogo com perspectiva interseccional. Como se faz possível a formação em Psicologia? O que entregamos a ela? O que recebemos? Fazendo-nos valer de uma noção de rede e de coletivo, valorizando a experiência como um modo importante de estar na produção de saberes que importam, construiremos esse percurso entre endereçamentos. Trata-se de uma história possível escrita entre pausas e alguns percalços e que evidenciam justamente o percurso da escrita e da formação.

Palavras-chave: psicologia; narratividades; experiência; interseccionalidade; formação.

Queridas leitoras,

escrevo com intenção de partilhar com vocês a minha experiência com a universidade ao longo de todo percurso de minha formação. Pode lhes parecer uma estranha ideia, pouco comum entre trabalhos de conclusão de curso, dos quais exigem certa formalidade, cientificismo e tecnicismo. Mas isso também é parte do que eu quero compartilhar. Quero contar a vocês sobre outras formas de escrever, implicar, perceber; falar-lhes de formas possíveis desde o lugar onde a academia não mais seja engessante daquilo que nos é tão caro: a nossa subjetividade – também na produção escrita pois o que escrevemos e produzimos academicamente dá-se a partir daquilo que experienciamos (Rodrigues e Silva, 2021)

Antes de seguir, peço licença para explicar algo que julgo ser importante. Eu, enquanto mulher, escrevo do meu lugar de mulher. Aos que chegaram até aqui por alguma razão, peço licença para seguir direcionando minha escrita às outras mulheres. Então, leitor (e aqui me refiro ao gênero masculino) quero que saibas que meu desejo não é que não tomes parte do que me disponho a narrar. Seguirei o texto, por decisão, desobedecendo a norma linguística de usar pronomes masculinos como se ocupassem alguma neutralidade. Como Moraes e Tsalles (2016) ensinam, afirmar o feminino na ciência é uma forma de afirmar que não há conhecimento sem marcas, sem mediações. Tampouco tenho a pretensão de usar ambos artigos: a/o. Neste trabalho, darei a oportunidade das mulheres representarem o todo.

Também acho importante salientar que tudo que escrevo aqui não corresponde a uma ordem linear cronológica. Me permito transitar pelo tempo sem o compromisso da fidedignidade supostamente advinda dos ordenamentos temporais. Revisito o passado tão presente como sou agora, que é a única forma que posso fazer isso.

Quero contar das experiências que vivi, das que perdi ou observei de longe, e que me fizeram tornar quem sou. Todas essas experiências, junto com as que vivi fora da universidade me tornam quem sou hoje. Me atravessam e constituem a psicóloga que estou prestes a me tornar. Acredito que quando a gente partilha experiências, a gente abre um campo de possibilidades de troca, representatividade, empatia. Pode ser que uma ou mais de minhas histórias te alcance. Pode ser que não. Pode ser que o que eu conto não faça sentido nesse momento pandêmico pelo qual atravessamos. Meu desejo é que vocês conheçam a universidade como eu conheci. Bom, como eu conheci seria impossível, mas que possam através da minha lente somar experiência. Isso implica a presença física e as trocas que hoje não são possíveis.

Não me limito a escrever apenas sobre a rotina das aulas, professoras/es espaços que compõem o campus da psicologia, estágios... A universidade transborda a geografia. Não conheço ninguém que saiu da graduação da mesma forma que entrou. A formação também reverbera na vida, na rotina do cotidiano. São microrrevoluções que, ao final, somadas, transformam vidas, prismas, posicionamentos. E isso nada mais é que nossa própria transformação. Somos um conjunto de crenças e de valores. Uma vez que tais conjuntos são revisados e revisitados, muitas perspectivas novas surgem como possibilidades outras.

--

Uma coisa que sempre me causou estranhamento é a forma pela qual a gente aprende a escrever na faculdade. Sabe essa forma técnica, a escrita acadêmica, que obedece a neutralidade, as regras eurocêntricas de rigor metodológico de produção científica? Pois então! Essas mesmas nunca fizeram muito sentido pra mim. Hoje, é muito mais fácil perceber uma abertura para novos modos de produção, mas quando eu entrei na uni¹, lá em 2011, ainda não era bem assim. Sofria a cada trabalho redigido, com as normas APA/ABTN². Primeiro me angustiava pelo estranhamento natural de quem não tem o hábito de escrever dessa forma. Novidades desse cunho quase sempre geram desconforto e insegurança. Pedia com frequência para algumas pessoas do meu círculo mais íntimo lerem meus trabalhos e “corrigir” o que estava fora de “padrão”. Acontece que mesmo depois que eu aprendi a operar assim, me angustiava o fato de eu não poder escrever diferente. Não me reconhecia escrevendo daquele jeito. A cada produção finalizada parecia que algo havia tomado o meu corpo e mente. Não era eu escrevendo. Eu estava cumprindo tabela da grade. Demorei muito tempo pra começar a escrever de formas que me pareciam mais confortáveis. Talvez tenha demorado o tempo que também demorou a chegar até mim autoras que apostam em outras formas de escrever e que apostam que a produção escrita não acontece apenas pela acumulo de conhecimento teórico. As nossas experiências contam tanto quanto.

Sempre pensei sobre escrever o TCC. Ficava imaginando quando seria o processo da escrita, o tema, a quantidade de páginas, autoras que gostaria de ter a honra de citar, que me

¹ É de uma dimensão afetiva e também dialógica. Escolho por chamá-la uni, leia-se aqui a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² No curso de psicologia da UFRGS somos demandadas e autorizadas a utilizar uma dessas duas codificações de normas escritas para trabalhos acadêmicos. A APA é American Psychological Association e se relaciona com as tradições psicológicas norteamericanas. Já a ABNT é a Associação Brasileira de Normas Técnicas. Embora todo esse conjunto de regras para a gramática e para as formatações de uma língua portuguesa considerada correta seja criticável, entre elas duas, estaremos mais próximas da ABNT.

acompanharam por essa primeira travessia de se fazer psicologia. Inocente, ignorei todos eventos externos que poderiam ocorrer quando esse momento chegasse. Esse momento que é o agora. E são tantos, e suponho que todas tenham, que às vezes me deixam paralisada quando percebo minha pequenez diante de tudo que se precisa fazer. Mas a vida não para. São as palavras que me soam no ouvido, palavras que uma grande amiga sempre me repetia quando eu dizia a ela que eu precisava parar. Nessas horas que me dizia isso, ouvíamos a música Debaixo d'água, onde tudo era mais azul, mais bonito, confortável, sem pranto e sem lamento, protegido e fora de perigo, mas tinha que respirar. Agora, sentada em minha cama, entre cada parágrafo, respiro.

--

Torço, leitoras, que a carta que endereço inicialmente tenha dado pistas de por onde percebo a construção de caminhos de escrita para estarmos aqui. Meu nome é Suellen, e embora isso esteja escrito lá na capa, a mim interessa que possamos conversar e, assim, me apresento. Que será que é mais importante que eu lhe conte para seguirmos?

Antes de continuar, quero apresentar duas pessoas importantes que ajudaram a produzir críticas à suposta neutralidade científica. Sabemos, o conhecimento produzido dito neutro é aquele escrito por uma voz única, de um pessoa que é homem, é branco, é heterossexual, é cisgênero, compreendido no contexto europeu e/ou estadunidense. Essa história de voz única é a narrativa hegemônica, que conta histórias de perspectivas mesmas como se essas, sim, desvelassem alguma grande verdade universal. É importante que eu já conte, essa ideia aqui não vai nos interessar. Somos acompanhadas de muitas vozes que contam histórias diferentes, é um jeito de povoar o mundo. Ou, dizendo de outro jeito, de perceber que o mundo é povoado. Fiz agora uma digressão mas não quero perder de vista a apresentação dessas duas pessoas importantes que quero colocar em diálogo com a gente, nesse momento. Um dos nomes é bell hooks, o outro é de Gloria Anzaldúa.

bell hooks pede para ser escrita no seu pseudônimo e em letra minúscula. Mulher negra, estadunidense e de 69 anos que acompanha o pensamento freiriano e escreveu muitos livros. Alguns deles são trazidos aqui em diálogo. hooks escreve também sobre experiência, afeto, amor. Essas ideias postas “academicamente” são mesmo um achado e me ajudaram a poder estar aqui, quando as conheci. Uma pena que um tanto tarde, mas em tempo. Gloria Anzaldúa foi uma das indicações de Luciana, minha orientadora, ela foi uma mulher chicana, professora universitária e estudiosa de teorias feministas. Entrar em diálogo com ela ampliou

imensamente a minha possibilidade de colocar palavras em um computador ou em um papel. Autoras que se propuseram a pensar a racialidade e o feminismo em articulação com processos de ensino e de aprendizagem. Como escrevemos? Como falamos? Como ocupamos nossos espaços? Muitas vezes me fiz essas perguntas e me senti acompanhada toda vez que percebi que tantas mais fizeram.

Perguntava acerca de que é que será mais importante eu lhe contar para seguirmos uma conversa... E bem, é verdade que as localidades políticas (um nome bem acadêmico para dizer de que posição ocupamos em termos de raça, de classe, de gênero etc.) são impossíveis de totalizar. Mesmo na impossibilidade e entendendo que os vocabulários que temos não dão conta da complexidade dessas relações, digo que além de me chamar Suellen, sou mulher, negra, mãe, cristã, amiga, estudante, chefe de família. E tantas outras coisas.

Essas posicionalidades tem informado como percebo as questões e fazem diferença na habitação pela universidade e pela psicologia. Lembro das vezes que escutei e participei de discussões em que o discurso universitário se opunha às religiosidades naquela lógica dualista e opositiva de ciência *versus* religião. Eu, nessas vezes, ocupava ambos lugares, como acadêmica, graduanda de psicologia e também como cristã, ou seja, esse pensamento dualista não abarcava toda essa pluralidade e nem sempre fui escutada. A psicologia como um campo de teorias e de práticas que, por tantas vezes, tentou servir unicamente populações de classes consideradas altas, muitas vezes não esteve junto à população pobre e às comunidades. Mesmo que esse cenário sofra efeitos nos últimos anos, com o avanço de políticas de saúde coletiva e de assistência social, advindos do Sistema Único de Saúde e do Sistema Único de Assistência Social, e que a psicologia esteja em um processo constante de atualização e de ampliação, é importante percebermos que esse alcance populacional ainda é insuficiente. São posições e ofertas diferentes, mas muitas vezes percebi a escassez da presença de diferentes psicologias em territórios onde pessoas que escutavam e que intervinham também estavam associadas a diferentes religiões. Esse é todo um debate, longo, complexo e que nesse momento não adentraremos, mas esse pequeno relato diz das posições que ocupei enquanto na formação em psicologia e as perspectivas com as quais tentei, quando pude, contribuir.

--

Ainda lembro a primeira vez que pisei no campus da universidade, do meu primeiro dia de aula. Fiquei escorada na parede ao lado da entrada do prédio da Psicologia, que fica ali na Ramiro Barcelos. Tinha um banco, mas não ousei sentar. Fiquei ali, parada, vendo gente

que entrava e saía. Tentei reconhecer coisas que me fizessem sentido. Eu queria ver alguma coisa que me fizesse pensar que aquilo era eu, ou que eu poderia ser. Era excitante observar um mundo todo novinho, cheio de possibilidades. Pensava sobre a aula que teria a seguir, sobre como seriam minhas colegas, professoras, provas e trabalhos. Era noite, então a leve penumbra dava um tom misterioso a tudo. Algumas partes do campus sempre foram bem escuras. Via, entre as luzes dos postes e celulares, aquela gente toda que parecia muito ocupada. Pareciam estar de passagem, apressadas em suas tarefas, ou o que quer que fosse. Pensei se um dia eu seria tão ocupada quanto todas. Me imaginei importante e cheia de compromissos acadêmicos, o quão comprometida seria e quanto eu queria ser levada a sério. Mas esse pensamento foi substituído por outro. Lembrei - como se fosse possível esquecer - dos compromissos que já tinha. Lembrei do compromisso que atende pelo nome Júlio, cinco anos então. Compromisso que me esperava em casa naquela noite. Me dei conta naquele momento que por muito tempo Júlio precisaria me esperar até a manhã seguinte. Eu não mais chegaria a tempo de colocá-lo pra dormir.

Esse pensamento me assombrava. Dividida entre universidade e maternidade, desejando cadeiras eletivas e trabalhando em período integral, buscando grupos de pesquisa e extensão que contemplassem o tempo que eu nem tinha disponível, não havia grupos de pesquisa noturnos, bem como os locais de estágio, que eram escassos para esse horário, pensava em como poderia conciliar todas as atividades, acadêmicas e não acadêmicas de forma produtiva e eficiente. Discutíamos, entre colegas, para qual perfil de aluna o curso noturno de psicologia havia sido pensado. Havia sido pensado? Segui, fazendo escolhas possíveis. Ora abrindo mão de uma coisa, ora de outra. Mas nunca completa, inteira. Sempre em falta com alguma coisa.

--

Outro imprevisto apareceu e me fez repensar e reprogramar muitas coisas: o meu pai. Mesmo com idade avançada, jamais pude supor que ele viesse passar por problemas de saúde que me deixassem tão abalada e paralisada. Tudo bem, esse imprevisto é do momento atual - atravessamento de uma pandemia mundial que nos impossibilita de mantermos a normalidade das rotinas, o ir e vir, e como consequência e necessidade de dar continuidade às aulas, a aprovação do ensino remoto emergencial, onde as relações estão mediadas pelas telas - e implica diretamente na escrita deste trabalho. Mas esse trabalho não é alguma compilação daquilo que a universidade produziu na minha experiência como graduanda? Do que

produzimos juntas? E a produção da psicologia não é também sobre cuidado e acolhimento? Nesse momento, acolho e cuido daquele que foi o primeiro a me ensinar sobre cuidado. Eu escreveria uma carta a ele, mas ainda é momento de os afetos reverberarem e, embora eu agora escreva preocupada de como ele está, sei que preciso estabelecer contigo, que me lê, uma conversa que - entre tantos acontecimentos - dizem da experiência de ser estudante de psicologia e de me tornar psicóloga.

Agora parece que já nos conhecemos pelo menos um pouco mais. Vou apresentar vocês uma pessoa que conheci durante esse mesmo percurso, a Luciana. Faço isso através de uma carta que escrevi a ela e de um correio que fizemos. Luciana, mulher negra, orienta esse TCC e orienta passos que tenho dado num árduo processo de escrita. Vejam bem, é prazeroso e bonito, mas também é bastante exigente e cansativo poder contar essa história e me relacionar tão de perto com a experiência e a enunciação. Luciana é alguém que me deu a mão - online, mesmo - durante a escrita. Adiante, peço que habitem a leitura de cartas que enviei a ela e que contam de um momento do curso de psicologia que as coisas se fizeram possíveis de uma maneira nova.

--

Um primeiro correio

Lu,

depois de te escrever, eu nem sei se vou conseguir falar alguma coisa no meet. Talvez eu só chore. Mas sei lá, acho que tudo bem.

Começo dizendo que eu pensei muito sobre cada processo e decisão. Talvez eu tenha pensado sobre isso na hora errada. Eu também não sei dizer se existe hora certa para certas coisas. Foi na hora possível. Não seria a hora possível também a hora certa?

Queria compartilhar contigo algumas coisas que tu não sabes. Nosso encontro foi bastante inusitado, afoito. A forma como é possível hoje, por causa da pandemia, relacionar-se com as pessoas também é diferente. Não falo do tempo enquanto unidade de medida. Perdemos muito, qualitativamente, dos encontros e das relações nesse formato online. Tem algo da presença que se perde. A presença em si, o gesto que não entra no foco da câmera, a postura, o tempo da respiração... Essas minúcias que dizem da atenção ao outro não transpassam a tela.

Claro, também ganhamos. Reinventamos possibilidades, refazemos percursos, descobrimos novos. Talvez seja mais fácil para as novas gerações, os jovens jovens, adaptar essas novas mudanças à rotina pandêmica. Dizem que em todas as gerações quando no auge da experiência, ao lembrarem os áureos tempos, afirmam ser o seu um tempo melhor. Eu, com meus 32 anos, velha jovem, já afirmo. Mas talvez seja só nostalgia da época que o encontro era abraço.

A esticadinha pr'um café depois da reunião não nos foi possível, Lu. Provavelmente nestes entre-encontros teríamos tido algum tempo de trocar para além do que trocamos hoje. O tempo, de novo, é diferente. Um simples toque no botão da tela nos transporta para outros lugares. Também perdemos o tempo de se deixar estar. Então, te conto agora, nesta escrita, coisas que não teve como acontecer, não só pelo tempo, mas também por ele.

Acho que te disse que entrei na graduação em 2011. De lá até aqui, muitas coisas aconteceram. A vida nos surpreende quando a gente espera e quando a gente não espera. Eu sempre achei a imprevisibilidade bonita. Acredito que a vida acontece aí. Quando nos foge o plano, o controle; quanto a gente olha ao redor e lida com os recursos que estão disponíveis e quando a gente inventa tantos outros. Mas nem sempre é fácil enxergar beleza nos imprevistos. Às vezes eles nos tiram o chão e demora pra gente sentir o solo firme debaixo dos nossos pés.

Eu tive alguns imprevistos nesse percurso: tempo, dinheiro, família. Esses que citei são imprevistos previstos, eu sei. Cotidianamente a gente precisa lidar com situações dessa ordem. Conforme a vida acontecia eu fui refazendo os planos de conclusão da graduação. A segunda maternidade exigiu um tempo maior. Eu sei que tu sabes que os filhos ocupam muito do nosso tempo. E que é um tempo muito precioso para os pequenos que nós estejamos com eles, principalmente durante a primeira infância. Eu escolhi ter e dar esse tempo para mim e para a Antonia. Esse é um privilégio que nem todo mundo tem, e eu me sinto muito afortunada por ele.

E assim eu fui, de imprevisto em imprevisto fazendo a vida acontecer. E eu preciso te contar sobre um desses, pra poder contextualizar aqueles processos de decisão que eu citei lá no começo. É o imprevisto divórcio.

Sabe, Lu, o divórcio em si não foi um imprevisto. Eu fiquei muito tempo em terapia amadurecendo essa ideia. Talvez justamente pelo suporte da terapia fomentar a minha decisão tão bem pensada, tão madura, embora nada fácil - foram 15 anos de relacionamento - eu tenha ficado tão sem chão. Eu não previ, nem no pior cenário (mente ansiosa), que o pós divórcio ia ser tão difícil. Digo, não achei que ia ter que lidar com as dificuldades que eu tive

e ainda tenho. Já adianto que eu ando me saindo bem melhor agora. Eu sabia que não seria fácil, mas por outros motivos.

Na minha vida eu sempre me considerei feminista. Teve uma época que eu não sabia nomear assim, mas eu sabia que eu era. Veja, na minha adolescência esse tema não era tão difundido e discutido como é hoje. Antes de adolescente eu já questionava o Ser Mulher. Eu tenho uma foto da qual eu estou vestida de menino porque nessa época eu já percebia que os meninos tinham privilégios. Minha mãe conta que resolveu registrar porque eu fazia isso de me “travestir” de menino frequentemente. Eu escondia o cabelão que beirava minha cintura dentro de um boné, vestia as roupas das minhas irmãs mais velhas para que elas representassem o vestir maculino, descolado do corpo, e dizia: “Eu quero ser um menino”. Eu nunca quis ser um menino. Era a forma que eu sabia, aos sete anos, dizer que eu queria ter os mesmos direitos que eles.

Bom, voltando ao divórcio, nada de novo no front feminino. Combo relacionamento abusivo mais amadurecimento, conhecimento e mudanças de perspectivas. Foi difícil reconhecer que logo eu, tão progressista, tão aquariana, estava inserida nesse contexto tão comum a nós. Eu já tinha tomado a decisão antes de descobrir que meu ex companheiro fazia uso de aplicativos de relacionamento. Pensei que esse era o “motivo perfeito” para aceitação social e familiar, para outorgar a minha decisão. Por que eu ia querer separar de alguém tão “família”, tão “ajudador”, “um pai exemplar”? Eu sabia que a minha família ia questionar, me achar uma doida. Eu sempre fui vista como A subversiva, A intransigente das relações. A gente sabe como as mulheres que se posicionam firmes são julgadas...

Foi isso! Peguei o que eu tinha de pretexto e me agarrei nele pra bater o martelo e tomar coragem de ter a conversa derradeira. Descobri o aplicativo por besteira, eu não procurava nada desse tipo. Fiquei triste, mas achei que foi uma baita sorte ter O motivo.

Outra coisa que eu também não contei é que, antes de decidir todas essas coisas, eu apostei de todas as formas no casamento, na família. A Instituição mais sagrada no contexto religioso é a família e eu cresci em um lar cristão. Eu tive essa influência moral na balança da minha decisão, claro. Essas apostas me custaram muita coisa, inclusive a minha identidade. Eu me perdi de mim investindo em nós. Eu poderia escrever um livro sobre cada renúncia que eu fiz em nome da Família. Não me arrependo de nenhuma delas, relacionar-se também é ceder, abrir mão.

Era final de fevereiro de 2020, umas semanas antes da pandemia estourar no Brasil. A conversa foi um monólogo. Dormi 5 meses no sofá até ele sair da minha casa. Nesse tempo,

ainda fiz mais alguns investimentos, como terapia de casal. Todos unilaterais, eu nunca tive resposta.

Lu, tu precisas saber que eu me comporto assim. Eu gosto de ter certeza que eu esgotei todos os recursos, todas as possibilidades. Eu preciso ter certeza de que eu fiz a minha parte, porque a dúvida do “se” me assombra. Há quem diga que eu seja uma pessimista. Isso porque eu, com a minha mente ansiosa, sempre imagino todos os cenários, e isso inclui os piores cenários. Eu, todavia, me considero otimista. Mesmo nos meus piores imaginativos cenários, eu busco uma brechinha por onde eu possa me esgueirar e refazer o quadro. É quase um jogo de probabilidade panóptica. Talvez por isso eu veja tanta beleza no imprevisto.

Eu, agora sentada no sofá, te imagino lendo as minhas palavras acompanhada de um café quentinho e forte. Eu imagino que tu goste de café forte. Penso que várias coisas te ocorrem, incluindo o motivo pelo qual eu escolhi essas palavras e não outras. A escrita tem disso. Mesmo a escrita mais espontânea é sempre revista. Tem sempre alguma coisa que a gente apaga ou corrige. Às vezes a gente troca uma palavra por outra que parece dar mais dimensão ao que a gente quer dizer. Me espanta como mesmo numa língua como a nossa, cheia de particularidades e tão rica em sua pluralidade, nem sempre consegue alcançar o leitor na íntegra. Será que tem gente escreve mal ou será que a gente lê mal? Sempre que eu leio algo que eu não gosto esse pensamento me arrebatava.

Bom, Lu, enquanto eu te escrevo a hora avança. O tempo é implacável. Agora são 3:30 e eu sei que eu não vou escrever tudo que eu desejei. Não preciso te dizer que eu imaginei esse cenário, né?! Volto ao começo e digo que coube nessa escrita o que era possível. Talvez o tempo me ensine a poupar tempo e imaginar só alguns cenários, e sobre mais tempo para escrever do que para pensar.

Engraçado que eu falei sobre divórcio e não falei sobre TCC explicitamente. Eu escolhi o tema do TCC "antes" do começo do fim do casamento Isso é outra coisa que eu gostaria que tu soubesse. Proponho que eu siga a carta mais tarde, naquele horário que nós combinamos, como numa espécie de carta falada. Talvez pra ti não faça muito sentido ainda eu falar sobre isso. Ou talvez faça sentido. Talvez só parte do sentido, já que não cheguei aonde planejei chegar com a minha escrita. Mas o tempo tem disso, assim, desse jeitinho. O tempo não é nosso, ele não se curva, ele não cede, ele não volta. O que cabe no tempo é o que é possível fazer do tempo. Com o tempo tudo faz sentido. Até mesmo aquilo que não cabe nele.

Um abraço,

Porto Alegre, 19 de abril de 2021.

--

Luciana me respondeu em um e-mail uma outra carta e assim iniciamos um correio. Antes de seguir, acho que preciso explicar coisas que não estão tão objetivas para você que me lê nesse primeiro correio sem contexto. Quando convidei Luciana para orientar este trabalho, já estávamos em pandemia. O nome dela me veio por indicação de uma amiga muito querida, que me conhece bem e sabia que eu estaria em boas mãos. Não nos conhecíamos pessoalmente. Na verdade, ainda não nos conhecemos assim. Encaminhei um email a ela, com a proposta do então tema do meu TCC e ela prontamente respondeu, sugerindo que marcássemos uma reunião online; era o que era possível. Depois de um tempo, já com semestre avançado, percebi que talvez fosse pretensão de minha parte tentar dar conta de tanta coisa que acontecia simultâneo. Eu não conseguia escrever. Essa carta foi a abertura do processo de decisão de adiar o TCC para o próximo semestre, que é esse. Lembro bem, ela me escreveu dizendo que eu seguisse investindo nas cartas e em endereçamentos. Concordei, há tanto o que silencieei em outros momentos e que quero endereçar. Ela escreveu contando coisas importantes, afetuosas e acolhedoras que ofereçam pistas de o que eu poderia escrever. É curioso que mesmo em anos de graduação e de escritas de trabalhos para tantas disciplinas eu eventualmente pense que não teria o que escrever para informar pistas de uma formação em psicologia, e do que desejo para quem trilha esse percurso.

Feita essa primeira troca em que te pedi o acompanhamento da leitura, é importante que eu conte a intencionalidade que mora nessa forma de escrever. A academia sendo, por tantas vezes, esse lugar que produz violências e que não escuta e não acolhe, dá vontade de afastar. Esse jeito de ver os lugares e as paredes como se eles não compusessem contornos possíveis, como se não fosse para tantas pessoas, como eu, como minha orientadora. Essa escrita correio está aqui presente no texto que compartilho com a comunidade toda porque esse modo de escrever e de produzir conhecimento, é possível. Escrevo para contar que acolhimento e escuta e troca e afetos, eles também acontecem. Sempre aconteceram, talvez, em algumas brechas. Que sejam cada vez mais caminhos inteiros, essas brechas, e que possamos nos acompanhar nas invenções de modos de fazer. Nesse processo de contar de uma formação, abro espaço a mais um trecho do correio e torço que possa me fazer companhia.

--

Querida Glória,

nós não nos conhecemos, mas eu sou uma dessas escritoras que tu dizes pensar quando estás escrevendo. Não sou chicana, nem chinesa, mas posso dizer que sou mulher e sou negra. Deitada agora na cama te escrevo. Não em minha cama, mas numa cama, num lugar incrível, em meio a natureza, onde minha única distração é o barulho de um córrego e dezenas de grilos agitados. Hoje faz uma noite linda e as estrelas do céu são incontáveis. Não há nuvens, e constelações inteiras podem ser avistadas. Quis te contar essas coisas porque sei que gostas de imaginar como são as outras que escrevem. Não sei se faço bem poupando a tua imaginação.

Sempre que leio os teus escritos me vem um misto de sensações. Quando te leio percebo que ainda preciso muito praticar a fluidez da escrita. Mas me encanta a forma visceral que tu escreves. É assim que te percebo. Sabe, me identifico com a tua escrita. Eu também sou um pouco assim. Ou muito, não sei mensurar. Não sei falar de um lugar de neutralidade, como costumamos aprender na academia, que diz que é preciso separar sujeito de objeto, razão de sensibilidade, ciência de política, conhecimento científico de literatura (Moraes e Tsallis, 2016). Sempre me vejo muito implicada em tudo aquilo que rabisco no papel. Não à toa, esse trabalho, onde te endereço essa carta, tem relatos muito particulares de coisas que vivi, experienciei e aprendi com o passar do tempo. Uma dessas coisas é que eu não preciso seguir O *check list* da escrita considerada padrão. E isso eu aprendi também contigo, e sigo aprendendo. Erguer a voz (hooks, 2019) também é escrever, e nós sabemos, nos é difícil erguer a voz num mundo onde as mulheres são silenciadas constantemente, seja no trabalho, na escola, em casa, não nos cansam de tolher a voz. Há de se ter muita coragem, determinação e vigor pra seguir insistindo para que nos ouçam, nos escutem.

Tu tens razão quando diz que tememos a escrita pelo que ela revela de nós. Muito tempo eu passei pensando que é muito mais fácil falar do que escrever. Na verdade ainda acho isso. Na fala, que é mais dinâmica e espontânea, parece que as palavras pulam da boca como as folhas secas caem das árvores com qualquer brisa outonal. Simplesmente acontece. E sim, às vezes a gente fala e percebe que aquilo não saiu como deveria, e corrige, refala, mas sempre numa fluidez constante. E muitas vezes contamos com a ajuda da interlocutora, que nos indaga, questiona, contesta, concorda e discorda. Já sonhei com uma apresentação de TCC falada, como se fosse um grande sarau. Onde a interação e sinergia de todas aquelas

pessoas presentes se conectem e conectem as palavras, e depois os sentidos. Me parece que esse sonho não vou realizar agora. Quem sabe daqui um tempo isso também seja possível.

Mas voltando ao assunto da fala X escrita, digo que escrever é um processo um pouco mais complexo. Não sei se isso acontece contigo, Glória, mas quando eu escrevo, releio cada pequeno parágrafo. E me parece nunca estar bom o suficiente. Isso acontece contigo? Antes eu atribuía à minha escrita "imperfeita" as falhas que possuo enquanto escritora. Eu não sou uma escritora de verdade, não como tu és. Mas escrevo com o intuito de criar alma e alquimia (2020), como tu dizes. Aprendi no primário, como quase todas as crianças em idade escolar. Ainda me lembro da primeira vez que consegui ler um livro sozinha. A minha alegria e euforia em conseguir juntar e dar sentido àquele monte de letras! Quando me dei conta que podia, parei tudo para sentar e ler. Senti muito prazer lendo. O livro chamava O Retalhinho Branco, e contava a história de retalhos que moravam em uma fábrica de tecidos, onde um deles, infeliz com a sua condição - Branco - resolve fugir da fábrica e tentar ganhar cor. Nessa busca o "pobre" Retalhinho passa por grandes adversidades, e acaba se machucando um bocado. Mas depois percebe que foram os machucados que lhes deram cor: os arranhões no espinho das rosas lhe fizeram vermelho, o tombo no chão lhe atribuiu o marrom, as manchas da grama no seu corpinho molhado fez surgir em si o verde... e assim sucessivamente até que ele era branco, mas também um misto de cores lindas que ganhara pelo caminho.

Seria esse o processo da escrita? Seria esse o processo de aprender a escrever? Desbravar todas as possibilidades até que se chegue a conclusão de que o resultado final da escrita vale a pena, ainda que a duras penas? Sim, o resultado da escrita vale a pena. Hoje sei que é uma forma de perpetuar no tempo a nossa voz, mesmo quando silenciada. As palavras carregam um legado, carregam uma história. E escrever é poder recontar histórias, quantas vezes forem necessárias, até que nos ouçam, leiam, até que nos apropriemos daquilo que é nosso, como nos ensina a escritora feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Para ser honesta, gosto tanto dos ensinamentos dela que mantenho em minha cabeceira um livro que Adichie escreveu em 2017 chamado "Para Educar Crianças Feministas – Um Manifesto". Ganhei de uma amiga logo após parir outra de nós, minha filha Antonia. E diferente de mim, quero que ela possa conhecer vocês tão logo quanto possível. Há urgência à educação feminista para uma consciência crítica (hooks, 2018) e nós bem sabemos disso.

Bom, dizia que não sou escritora. Mas também tenho dúvida de quais critérios avaliativos outorgam ou não os títulos de escritoras. Minha referência não é eurocêntrica. Como disse, sou uma mulher negra, nunca vi sentido em usar essa referência que não me representa em nada, não conta a minha história, não fala das minhas vivências. Volto ao que

aprendemos na faculdade, e se esse for o critério, não sou. E acho que hoje não vejo mais problemas em não ser. Não quero mais me espremer pra caber num lugar que não é meu. Erguer a voz em corajosa fala de mulher nos dá a possibilidade de romper com os silenciamentos que sufocam o que temos a dizer (Rodrigues e Silva, 2021). Sigo, às vezes um tanto errante, mas determinada a erguer a voz, buscando coragem em ti, em outras mulheres e naquilo que todas nós escrevemos.

Um abraço,

Suellen.

--

Lu, querida,

depois da nossa carta falada, da nossa conversa, e de ler a tua carta, eu me senti convocada a escrever pra ti. Não no sentido de contra argumentar ou coisas do tipo. Na verdade, já na nossa conversa, eu tava me sentindo muito mais leve. É bonito como o processo da escrita faz a gente deslocar, sublimar, ressignificar.

Na nossa conversa, enquanto eu falava algumas situações de violência, eu observava a expressão do teu rosto. Eu acho muito difícil manter essa postura sóbria e neutra que a clínica psicanalítica exige. Penso que já melhorei muito, mas às vésperas da formatura, não sei se um dia chego nesse ideal. No meu estágio de observação, o primeiro da grade curricular, eu propus à supervisora local que eu permanecesse apenas observando todo o primeiro semestre do ano. Eu entrava nas salas de atendimento ou reunião, escolhia um cantinho discreto da sala, observava, anotava, e saía calada. Me limitava a cumprimentar quem estava sendo atendido ou aos colegas que compunham a mesa. Um dia, em uma reunião de rede, enquanto eu assistia uma discussão de caso da qual parecia ser mais uma conversa entre comadres sentadas em roda, senti o olhar da minha supervisora na minha direção. Antes que eu pudesse voltar a face à ela, senti meu celular vibrar na mão e me deixei distrair daquilo que eu não queria mais ouvir. Ao desbloquear a tela, me deparei com uma mensagem que dizia: “se tu não queres dizer nada, precisas fechar teus olhos”. Foi ela, a supervisora que me mandou a

mensagem, dizendo que meus olhos denunciavam minha ojeriza ao que acontecia diante dos nossos olhos. Pensei: “um dia, quem sabe, nada há de me tirar a imparcialidade”.

Eu te observava e falava. Eu acho que tu és melhor que eu na questão da neutralidade física. Mas eu via as tuas microexpressões, o teu desconforto e a tua afetação com a minha história, que é a história de tantas outras de nós, a história mais comum entre mulheres. Nesse mesmo estágio eu ouvi muitas histórias como a que eu te contei. Eu era nova nisso, não sabia como ia me portar ouvindo tantas histórias duras. A supervisora sempre “elogiava o meu preparo” para ouvir coisas que às vezes pareciam impenetráveis aos ouvidos de tão absurdas e medonhas. Numa dessas vezes, depois de ouvir um relato que somava violências de todos os graus e gêneros, minha supervisora perguntou como eu me sentia. Eu respondi que me segurei pra não chorar algumas vezes e que em determinado momento eu desejei sair da sala. A moça que ouvimos juntas repetia os episódios como quem faz uma oração de rosário. As palavras saíam da boca dela, quase decoradas, meio repetidas. Ela não tinha expressão. Parecia um corpo vazio com um gravador acoplado dentro de si. Contava a vida, cada episódio, como quem conta uma bolinha do terço. Pensava eu que uma hora não teria mais bolinhas pra contar e temia por ela que esse dia chegasse. Achei que ia ganhar uma estrelinha pela minha resiliência de suportar calada, isenta, como a clínica manda. Se ela podia aguentar calada, eu podia ouvir calada. Mas eu errei. Aprendi a maior lição sobre afetação, acolhimento e sororidade. Entendi que quando a gente se deixa afetar, a gente permite que o outro evoque de dentro de si sentimentos que às vezes não lhes é permitido o direito de intuir. Na sessão seguinte, choramos as três.

Eu, ouvindo atenta ao que tu me dizias, as tuas palavras doces de conforto, incentivo, uma hora suspendi a escuta. Algo na tua fala me transportou para outros lugares dos quais já estive. Passei por essas memórias como quem passeia em um museu memorial. Não sei se algum dia tu já teve a sensação de não pertencimento. A mim essa sensação é comum. Em todos os círculos sociais pelos quais já estive, em algum momento, por algum motivo, me via deslocada. Um desses motivos é a cor da minha pele. Minha família sempre disse que eu fui uma criança muito bonita e graciosa, embora meu gênio forte e meu olhar soberbo. Eu lembro dos elogios que eu recebia dos amigos de minhas irmãs, dos vizinhos, amigos dos meus pais, meus tios e tias. Eu era “a linda menina cor de cuia, jambo, moreninha”. Isso “era bom”, eu não era exatamente negra ou mulata, os adultos constatavam enquanto me olhavam como um *souvenir*.

Há muito tempo não me deparava com essa questão da cor da pele. Difícil ter que falar sobre uma questão que deveria ser só uma característica. Não-questão questão. Mas aí,

na nossa carta falada, te ouvi dizendo sobre as nossas semelhanças e diferenças. Dentre elas, tu citou a cor da nossa pele. Tomei um susto! Não sei, acho que um dia acreditei que depois que eu soubesse classificar a minha raça, a cor da minha pele, eu não viveria mais esse tipo de situação. Tenho plena certeza de que nada que tu falou foi com má intenção. Ao contrário, percebo em ti muita gentileza empatia. Mas foi difícil ouvir que a cor da minha pele não é a cor da minha pele. Compreender sobre colorismo foi e é um processo lento, de formiguinha. Há pouco tive acesso a um vídeo de Sueli Carneiro, outra mulher negra, filósofa, que tu deve conhecer também, fomentando a discussão sobre colorismo a partir de um episódio de um reality show. Mas confesso que foi a partir de um outro vídeo que circulou pela internet, um vídeo de Slan's, que pude, finalmente, “me permitir” ser negra. engraçado como outros modos de produção podem ser tão relevantes e alcançar tantas pessoas, né?

Fiquei pensando: será que a minha câmera tem uma péssima qualidade de matiz? Será que ainda tem gente que me vê como branca? Essa é só mais uma questão da minha vida da qual eu me sentia deslocada. Acho que me sinto ainda, depois de perceber como eu me percebi a partir da tua fala. Aquele momento me levou pra outro lugar. Fez-me recordar de uma cadeira eletiva sobre negritude, talvez a primeira oferecida no currículo, da qual eu me inscrevi, a fim de aprender sobre o assunto, me aproximar desse tema tão caro a todos e todas, de me perceber enquanto mulher negra. Cadeira da qual eu precisei cancelar por não suportar não ser ouvida, me sentir deslocada, ser descredibilizada pelo fato da minha pele não ser tão retinta. Claro, não sou ingênua e sei que a cor da minha pele mais clara ainda me dá certo privilégio dentre todas as tonalidades mais escuras que a minha. Mas isso não invalida as violências que vivi desde tão nova. As questões mudam, mas a dor de ser quem se é pode ser muito parecida. Não imaginei que num espaço onde a proposta era a abertura do diálogo sobre raça eu fosse vivenciar aquilo tudo.

Depois disso, me lembrei de outra situação, em outra cadeira eletiva, da qual a partir de determinado momento eu não pude mais estar presencialmente toda semana por causa de um rearranjo da dinâmica familiar. O desfecho foi um email que recebi da professora, mulher branca, dizendo que meu lugar não era a universidade. Ainda tenho esse email guardado em uma pasta. Às vezes me pergunto o motivo pelo qual guardei, e o quanto introjetei isso. Será que a universidade não é minha? Será que eu não sou da universidade? Não seria de se esperar que um lugar de domínio público fosse de toda gente? Será que eu esperei mais acolhimento e compreensão do curso, dos mestres que nos preparam para acolher essas e tantas outras questões dos pacientes que nos chegam, nas suas mais variadas formas de viver, ser, estar?

Eu acho que essa é a minha escrita, Lu. Dentre todas as violências que vivi ao longo do curso, que transpassam as fronteiras do campus, ou que também se reproduzem dentro dele. Hoje, talvez o que me diferencie de outras experiências ruins que soube, experiências que dividiram comigo ao longo desses quase dez anos de curso, é que me coloco também enquanto cristã. E essa violência, essa exclusão, que ficou latente na última eleição presidencial, é minha. E o que mais me assusta, e também me motiva escrever sobre isso é saber que isso não é só meu. É ter certeza que muitas outras pessoas enfrentam as mesmas questões sem ter com quem dividir, com medo de se declarar cristã e ser desqualificada, como se a fê fosse cega e alienante.

Um abraço,

Suellen.

--

“A cura é um ato de comunhão” - lembro que na próxima carta que Luciana me enviou depois desta última, ela citava essa frase de bell hooks. Procurei porque li que ali havia uma pista que unia ideias que eu percebia em desconexão. bell hooks (2020) escreveu essa frase em um livro bastante novo aqui no Brasil que se chama *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Como poderia o nome de um livro carregar algo tão bonito? Além de minha pergunta, conto que no décimo segundo capítulo deste livro hooks escreve sobre cura, convidando a uma reflexão importante sobre as dores que sentimos, sobre vezes que fomos machucadas e violentadas de tantas maneiras diferentes. Ela também escreve sobre família, quando diz que por vezes pode ser difícil acreditar no poder curativo do amor quando fomos feridas em espaços em que poderíamos - talvez deveríamos - conhecer o amor (hooks, 2020).

Há coisas que levam tempo a acontecer e me levaram alguns anos de graduação a conhecer alguém que coloca em diálogo temas que geralmente são colocados em oposição. Como amor e ciência, experiência e academicismo. Essa habitação coexiste e é fundamental para uma psicologia em que eu acredito.

--

Querida bell hooks,

lembro que uma das vezes que escutei dizer teu nome foi quando uma amiga me disse de um livro teu que chama *Erguer e voz*, parece que ela percebeu algo quando disse desse encontro possível. Outras vezes passei por textos teus e por pessoas que te citavam, mesmo que no curso de psicologia que faço eu tenha a impressão que escutei pouco falar de ti e de teu trabalho. Quando li pedaços do teu livro *Ensinando a transgredir* percebi que havia muito o que eu poderia aprender na relação com o que tu produziu. Fui estudante de escolas públicas a maior parte dos anos, cresci em um lugar onde facilmente a escola e a aprendizagem se tornavam coisas desinteressantes e sem graça. Era como um espaço onde não havia eros, interesse, vontade (hooks, 2017) como dos espaços de sala de aula que tu descreveu. Eu compreendo, de alguma forma, eram muitas dispersões. E mesmo que eu não esteja me formando para atuar como professora, tua escrita é fundamental para eu perceber as dificuldades em torno de ser estudante e manter um processo de ensino-aprendizagem baseados em lógicas afetivas, cuidadosas. Quero que saiba que toda vez que eu estiver diante de alguém que me demandou escuta e acolhimento eu estarei informada por coisas que aprendi no encontro contigo.

Quero que saiba também que foi através do teu livro *O Feminismo é pra Todo Mundo* que compreendi o real sentido de ser educada para o feminismo. Não só nós mulheres, como tu diz, mas todas as pessoas que compõem a nossa sociedade, independente da idade, cor, classe e credo (hooks, 2018). É importante que saibam que o feminismo não é excludente, não é odioso nem competitivo. Não queremos tomar o lugar de nenhum homem, queremos apenas poder ter o direito de ocupar os nossos lugares. E isso é justo.

Toda vez que alguém do meu círculo pede indicação de leitura sobre feminismo, quem tá iniciando nesse tema, eu indico ele. Acho incrível a forma didática e objetiva que tu escreves. Assim como tu, sempre pensei que a escrita não deve se deter a um público específico, no que tange a compreensão. Também por isso, e inspirada por ti, decidi escrever dessa maneira daqui por diante. Gostaria que cada leitora curiosa que me encontre através das minhas escritas possa depreender junto das minhas palavras simples o que eu tento transmitir. Nenhum tipo de literatura deve ser excludente, eu penso.

Imagino todos os dias o mundo da forma que tu descreves: sem dominação, com noção de mutualidade *ethos* enquanto determinante da interação humana. Eu gostaria que minha filha pudesse viver nesse mundo. Eu gostaria que minhas amigas, irmãs, primas, vizinhas e toda sorte de mulheres pudessem viver nesse mundo. Que possam. E através de ti, da tua transmissão, do teu cuidado, da tua afetação, das tuas teorias e das tuas palavras, sigo esperançosa e determinada a alcançar esse objetivo tão importante e fundamental não só para

nós, mulheres mas para todo coletivo Que eu possa sempre lembrar de ti toda vez que eu me sentir calada e oprimida. Que eu possa lembrar da tua determinação em escrever aquilo que precisa ser dito, do mais óbvio ao mais intratável. Que eu possa sempre ter leveza e simplicidade ao falar com aquelas que não percorreram os caminhos iguais aos meus, e os teus; que não atentaram para a urgência e necessidade em se conquistar aquilo que é nosso por direito, a liberdade de poder ser o que se é, o que se quer. E por último, que eu possa seguir te lendo, me reconhecendo em ti, e conhecendo aquilo que me foge o entendimento. O amor (trans)forma.

Um abraço

Suellen

*“Vou me espalhar
por toda superfície que eu puder
porque eu não posso me encaixar
num espaço tão pequeno.”
(Mariana Volker, 2019)*

Considerações Finais

A caminhada trilhada em dez anos de formação no curso de bacharelado em Psicologia evidentemente não cabe em um TCC que eu poderia escrever. Se escrever é uma maneira de sangrar, como lindamente escreveu Conceição Evaristo (2014) em um conto que chama *A gente combinamos de não morrer*, escrevo aqui que cada letra que sai monta, remonta, contorna e também machuca e que custou muito a se materializar. As experiências como graduanda em psicologia - com as posicionalidades que me compõem - não são exatamente românticas. Mesmo em alegrias - que aconteceram - um tanto desse percurso foi muito duro, foi longo, às vezes desconexo. Eu tinha comigo uma intenção, escrever um trabalho de conclusão que evidenciasse que muitas linguagens são possíveis e que contasse uma história sobre a formação que pude fazer. Ao que tudo indica, serei psicóloga logo mais.

Percorremos um percurso entre cartas que buscaram dizer de um campo afetivo em torno da formação. Foram cartas escritas à orientadora que acompanhou este trabalho, cartas a duas autoras muito importantes à possibilidade deste TCC - e textos endereçados às leitoras, alguns que contam histórias longas e outras que buscam anunciar os próximos movimentos. Escrever é uma forma de se aproximar e, já que falo marcadamente a partir de minha experiência na intenção de colocar questões para a psicologia, sei que eventualmente pode parecer que o texto é exageradamente recortado e íntimo. Mas torço que seja possível perceber que isso acontece por diferentes razões e que busquei um TCC que converse e que possa romper com lógicas únicas de produzir conhecimentos.

Acreditamos em uma psicologia que pode se pautar no cuidado, no acolhimento, na habitação das diferenças, nas subidas e nas descidas de morros. Em uma psicologia que esteja atenta a escutar e que o faça desde as suas graduandas. Incontáveis vezes em sala de aula não percebi as práticas de cuidado e de acolhimento acontecendo, por professoras, estudantes etc. Incontáveis vezes percebi que o lugar que tinha a experiência na formulação das ideias era

subalternizado, deixado de lado. Foi a partir de uma série dessas percepções que decidi escrever um compilado de endereçamentos que, além de contar parte da história de uma graduanda, dialogam com algumas ideias que podem auxiliar em uma academia mais possível e mais acolhedora.

Antes de encerrada essa escrita - tenho aprendido que “conclusões” carregam em si alguma ilusão - convido novamente a uma escrita feita em carta à Luciana e, assim, também nos despedimos, leitoras, torço nos encontrarmos em mais momentos e que algo do que foi escrito possa ressoar.

--

Querida Lu,

A vida tem se revelado pra mim de forma muito crua e cética. Às vezes me questiono se fui ingênua achando que “resolvendo” os problemas mais urgentes, o universo me presentearia com paz e tranquilidade. O tempo não para mesmo. E se a gente para, a vida atropela. Tem prazo de trabalho que se esgota, tarefa que fica acumulada, a rotina que deixa de ser ainda sendo. Num exercício de auto percepção, às vezes me vejo sentada ao chão com quilos e quilos de fios e linhas emaranhados por nós. Eu, com tudo isso na mão, vou desnodando nó a nó, ganhando comprimento de fio para tecer a própria vida. Fico nesse vai e vem de ora tecer, ora desnodar. Tem vezes que gostaria de estar tecendo, mas grandes nós se revelam. Eu, que achava ter encontrado um fluxo entre um e outro, percebo que preciso investir mais tempo desembaraçando as linhas. Queria estar tecendo vida agora, mas não consigo com tantos nós. Bom, talvez a vida seja isso! Um equilíbrio entre essas duas tarefas. Me anima, pela quantidade de linhas que vejo ao meu redor, imaginar que a vida é longa e quantas histórias eu posso tecer com essa quantidade imensa de fios.

Um outro abraço com muitos agradecimentos pelo acompanhamento,

Suellen.

Referências

- ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. 2009. [Vídeo e transcrição de fala disponíveis em:
https://www.ted.com/tals/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt acesso em 02 nov. 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em 23 out. 2021.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d’água. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.
- hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019b.
- hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.
- MORAES, M. & TSALLIS, A. C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. Rev. Polis Psique, Porto Alegre, v. 6, n. p. 39- 51, jan. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100004. Acesso em 19 out. 2021.
- RODRIGUES, Luciana. SILVA, Aline Kelly da. Por uma política de escrita do cotidiano: enfrentamentos ao racismo e ao sexismo na academia. Em: Redes intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas. [Org.] ALVES, Miriam Cristiane; ALVES, Alcione Corrêa. Porto Alegre: Rede Unida, 2021.